

Hesitou antes de agarrar na galinha morta que o pai lhe oferecia de braço estendido. As penas brancas estavam salpicadas de sangue perto do sítio onde a cabeça fora decepada. Sune sempre odiara sangue, pois detestava o seu odor e a cor intensa e escura que adquire quando flui e cria uma poça.

Contudo, não podia deixar que o pai notasse a sua aversão. Não naquele dia.

Pensou em como tudo seria mais fácil se a sua mãe os tivesse acompanhado. Pestanejou algumas vezes. Ela estava a morrer, deitada no quarto. Passara quase todo o dia sentado à cabeceira da sua cama. O pior era o tubo intravenoso. Quase não suportava ver a agulha entrar-lhe na mão, ainda que se encontrasse tapada com pensos e compressas. Ela dormia, quando o pai o informara de que estava na hora de se irem embora.

Durante vários meses, aguardara com ansiedade pela sua iniciação na idade adulta — tanto pelo rito quanto pela festa. Tentara, amiúde, imaginar como seria sair de casa como criança e regressar, nessa mesma noite, como adulto. Seria pelo menos considerado um adulto, com as responsabilidades e os deveres que lhe correspondiam. Todos os seus colegas de turma tinham já feito o crisma. Porém, como crente em Ásatrú — uma nova abordagem à antiga religião nórdica —, Sune tinha de esperar completar

15 anos para confirmar a sua crença. E aquele era o dia do seu décimo quinto aniversário.

Pousou a galinha no balde que o pai encontrara na lavandaria e, em seguida, colocou o recipiente no chão do carro, no lado do passageiro, antes de entrar e de se sentar aninhado com os pés no assento. O pai enchera a carrinha branca com o necessário para o sacrifício da meia-noite, e Sune certificara-se de que levava consigo duas pequenas oferendas aos deuses. Uma simbolizava a sua infância, e a outra, o seu futuro. Como símbolo da primeira, escolhera um livro que o acompanhara nos verdes anos, embora lhe fosse incrivelmente difícil separar-se daquela edição gasta de *Winnie, the Pooh*. A sua mãe lera-lho tantas vezes, que as páginas haviam começado a cair, e a lombada apenas se aguentava com fita-cola. Reparara em como optar pelo livro irritara o pai, que sugerira uma bola de futebol. A mãe, no entanto, apoiara-o.

A segunda oferenda consistia no grande canivete que o seu pai lhe dera. Sune esperava que os deuses o recompensassem com coragem e força na sua vida adulta, conquanto não tivesse planos de se tornar talhante como o seu pai e o seu avô. Não conseguira encontrar algo melhor para levar — nada mais. E o pai ficara contente.

Sune receberia também um presente que lhe indicaria a direção certa. O seu pai, Lars, recebera uma faca de talhante. Lars não se mostrara particularmente talentoso a ler ou a escrever, por isso, após a sua iniciação, abandonara a escola para principiar uma aprendizagem prática com o seu próprio pai. Sune ouvira falar de um rapaz que recebera um bilhete de avião para viajar pelo mundo e ordens para se manter afastado de casa até deixar de ser um menino da mamã. Nunca regressara.

Sune esperava obter uma corrente de prata com o martelo de Tor, que simbolizava o seu neopaganismo. Desejar o colar era, na verdade, ideia do seu pai. Ele sorriu e anuiu quando Lars virou para a estrada florestal e lhe perguntou se estava pronto.

ELE ENTREVIU, AO longe, as tochas e a fogueira. O crepúsculo caía sobre a terra e o céu noturno lançava sombras escuras por entre as árvores, e dourava, assim, o fogo, tornando-o convidativo. Sentiu um aperto no peito ao ver que os outros haviam chegado cedo para lhe preparar tudo. As chamas das tochas dançavam na escuridão.

Naquela noite, o sacrifício seria feito em *sua* honra. Juntar-se-ia, pela primeira vez, ao círculo dos homens. Tanto quanto se lembrava, Sune sempre acompanhara os pais nas suas idas à floresta, por ocasião dos seus encontros com os crentes de Ásatrú. Adorava o ambiente, incluindo os grandes festins celebrados de-pois de os adultos rezarem aos deuses, mas nunca fizera parte do círculo. Até agora, nunca se vira limitado pelas regras. Contudo, depois daquela noite, quando o círculo se fechasse, o seu juramento prendê-lo-ia para sempre à irmandade. O círculo dos adultos podia ser quebrado somente por animais e pelas crianças, que não compreendiam como era sagrado. Normalmente, mandavam-no brincar com as outras crianças atrás da enorme fogueira, com ordens estritas para não os interromperem, a menos que um deles se magoasse com gravidade.

A partir de agora, faria parte do círculo que invocava os deuses. Teria permissão para participar nas atividades quando o corno que usavam como taça fosse rodado entre eles e, como agradecimento pela sua iniciação, ofereceria a galinha aos deuses, confirmando assim a sua crença nórdica. Nos meses anteriores, tinham revisto todos os ritos. O pai falara-lhe das suas obrigações, e fez-lhe perceber que, quando prometiam alguma coisa no círculo, comunicavam diretamente com os deuses e que, portanto, a promessa feita não poderia ser quebrada.

Pensou no porco estendido na mala da carrinha. No fim da cerimónia, seria morto, e o seu sangue oferecido como um sacrifício: tal era o agradecimento da família aos deuses, pois estes aceitá-lo-iam.

O pai conduziu-o à fogueira, os archotes formando um círculo a alguns metros em redor das chamas centrais, numa disposição que se assemelhava à de um castelo amuralhado. Sune

sentiu-se, de repente, intimidado com o silêncio, e o desconforto aumentou quando os homens se alinharam solenemente para, um por um, o abraçar. Não sabia ao certo o que dizer e não se atreveu a sorrir, porque temia parecer demasiado infantil. O *godi* enfiou o manto e os homens reuniram-se, em silêncio, em volta da fogueira. A luz dos archotes mantinha-os num mundo separado da floresta.

É agora, pensou Sune. Está quase. Não tarda, serei um homem.

Ele pensara que seria o *godi* a falar, uma vez que era esse o procedimento habitual sempre que os adultos se reuniam num círculo. Mas, ao invés, o pai avançou de cabeça um pouco inclinada, e sorriu ao olhar para o filho.

— Sune, meu filho — começou ele, pelos vistos um pouco embaraçado. — Hoje, começa a tua vida adulta. Já não és uma criança, e tens de aprender imensas coisas.

Alguns dos homens aclararam a voz, outros tossicaram.

Sune recordou-se da saga de Signe, a filha do rei Vølsung, que enviou os seus filhos para a floresta quando o mais velho tinha apenas 10 anos. Nenhum deles fora corajoso o suficiente para sobreviver. Até Sune se sentia amedrontado perante a escuridão da floresta, e ele já tinha 15 anos. Nunca fora do tipo de rapaz corajoso — e sabia-o bem. Por um momento, pensou novamente na mãe.

— Parabéns, filho — dissera ela quando, de manhã, lhe levara o pequeno-almoço à cama. Já não comia muito, e era sobretudo alimentada através de tubos. Contudo, ela sorrira-lhe e pegara-lhe na mão.

— A noite de hoje deixa-te ansioso?

Então, o pai puxou Sune para o centro, e o *godi* começou a cantar, enquanto se deslocava lentamente ao longo do círculo. O sacerdote parou em todos os pontos cardiais da bússola para invocar os deuses. A Norte, Odin, o maior de todos os deuses. A Sul, Tor, o protetor da humanidade. A Leste, Frei, o deus da fertilidade. E a Oeste, Friga, esposa de Odin, que simbolizava a estabilidade nos casais e nos casamentos.

— O círculo está fechado — declarou o *godi* ao regressar ao seu lugar.

Sune duvidava ser capaz de repetir o que lhe foi dito durante o rito se, mais tarde, lho perguntassem. O corno com a bebida circulou várias vezes, e ele lembrou-se de virar sempre a ponta para o estômago e de o levar com cuidado à boca, de modo a evitar a sucção e de, portanto, salpicar a cara com hidromel. O pai ensinara-lhe que era assim que percebiam quem era novato ou experiente no círculo. As faces ruborizaram-se-lhe devido ao calor da fogueira e ao elevado teor alcoólico da bebida. Sentia-se embriagado quando os homens entraram, um por um, no círculo para recitar um verso a seu favor. Muitos escolheram versos do *Hávamál*, e ele reconheceu também algumas passagens da *Völuspá*, a *Profecia da Vidente*. No entanto, as palavras depressa se misturaram numa amálgama mental.

Depois de, todos falarem, os homens cantaram. Sune pôs as suas ofertas aos deuses no chão. O corno voltou a passar de mão em mão e, então, o círculo abriu-se. Vários homens gritaram, levantaram-no no ar e abraçaram-no novamente.

Ao contrário do que se sucedera no rito, ele recordou-se, mais tarde, de todos os segundos do momento mágico que marcou a sua entrada na irmandade. Permaneceu junto à fogueira enquanto os outros homens se reuniam, a alguns metros de distância, debaixo do enorme carvalho sacrificial. Era uma árvore com mais de 1000 anos, e, em criança, Sune adorava saltar para dentro e para fora da parte oca do tronco largo enquanto esperava que a cerimónia terminasse. Nessa noite, o buraco assemelhava-se a um olho preto que o fitava numa escuridão quase total. Sentiu-se arrepiar, mas não de uma forma má. Não se sentiu minimamente assustado. Pelo contrário.

O *godi* extraiu um pedaço de turfa e equilibrou-a sobre dois galhos flexíveis, que, depois de levantados e curvados, formaram uma passagem estreita. A Sune, sempre o fascinara a saga de Odin e Loki, o pacto que os tornou irmãos de sangue. Agora, fazia também parte do mesmo rito, e a caminhada sob

a turfa acompanhado pelos outros simbolizava o seu renascimento comum.

Assim que o pai lhe pegou na mão, foi como se tudo acontecesse em câmara lenta; o *godi* caminhava atrás de si, e, quando Sune saiu de debaixo da turfa, o luar pareceu incidir diretamente sobre si. Ele sabia que tal ideia não era mais do que o resultado da sua imaginação, todavia, era uma sensação intensa. E, embora receasse de antemão o momento em que, um após outro, se cortavam de modo a derramar algumas gotas de sangue na terra, no preciso local onde arrancaram a turfa, a verdade é que realizá-lo não foi tão penoso quanto antevira.

Foi-lhe, então, dada uma colher de bronze com um cabo longo e largo, que mais se assemelhava a uma concha, sendo apenas mais pesada do que o normal. Sune sentiu dentro de si coragem e orgulho ao receber ordens para misturar o sangue no chão. Em seguida, o *godi* tirou a turfa de cima dos galhos e com ela cobriu o sangue, para assim selar o pacto. Pisaram a turfa até esta assentar bem, e Sune, de volta ao círculo, sentiu-se um homem quando o *godi* declarou que, de acordo com o seu juramento, estava agora obrigado a honrar e proteger os outros.

— Olhamos uns pelos outros — explicou-lhe o pai, quando Sune lhe perguntou o que significavam tais palavras.

Sune ficou para trás quando o seu pai se dirigiu à carrinha. Ele queria esgueirar-se, de modo a não assistir à matança do porco.

— Não ajudas a descarregar as coisas? — perguntou-lhe o *godi*.

Ele despira o manto e apontava agora para a fogueira, para onde várias caixas refrigeradoras do talhante, que continham a comida para a celebração, tinham já sido transportadas. Por sorte, não comeriam o porco, lembrou-se Sune. O animal seria apenas sacrificado e pendurado, para que o sangue escorresse pelo chão e formasse uma oferenda líquida aos deuses. A carcaça seria levada para casa e cortada no dia seguinte, algo que contrariava as normas de higiene alimentar. Mas olhos que não veem, coração que não sente, como o seu pai costumava dizer.

— Levantem o gancho! — gritou o seu pai da carrinha, e dois homens acorreram com três varetas de ferro pesadas, enfiando-as no chão junto ao carvalho sacrificial, formando um tripé unido, em cima, por um largo anel de ferro. Prenderam-lhe o gancho de talhante, e Lars, o pai, fez marcha-atrás até ao tripé, desligou o motor, saltou para a traseira da carrinha, e começou imediatamente a puxar o porco para fora. Ele tinha sedado o animal antes de o pôr lá dentro. «Pesa uma tonelada», dissera o pai pelo caminho.

Sune não percebia por que motivo o pai não se limitara a dar-lhe um tiro na cabeça com a pistola de dardo cativo. Nessas circunstâncias, o porco não teria de passar por tudo aquilo. Odiava pensar que o penduravam no gancho ainda vivo, e que aí lhe cortavam a garganta.

Ele virou-lhes costas e continuou a descarregar a comida. O hidromel tinha acabado, mas havia várias caixas de cerveja. Os homens estavam já embriagados por conta da bebida usada na cerimónia. Sune olhou em volta à procura de um refrigerante, mas não viu nenhum. Pelos vistos, tal pormenor não ocorrera a ninguém.

— Já não está na hora de o miúdo receber o presente? — gritou alguém no outro lado da fogueira.

A escuridão não permitiu a Sune ver quem falara. Olhou em volta à procura do pai.

— Sim, está na hora de o puto receber a prenda — respondeu outra voz.

De repente, toda a gente desapareceu e ele ficou sozinho diante da fogueira.

Perguntava-se o que fazer quando, algures entre as árvores, fecharam a porta de um carro e os homens reapareceram em grupo.

Ao início, Sune pensou que tinham ido buscar a sua mãe para lhe fazer uma surpresa, especialmente porque conseguia avistar um cabelo comprido e solto. Não a conseguia ver distintamente por causa da escuridão, mas, quando a levaram para

junto da fogueira, percebeu que se tratava de uma jovem. Era bastante mais nova do que a sua mãe, mas mais velha do que ele. Um pouco atrás de si, o seu pai tinha as mãos nos bolsos. Sune sentiu-se, de súbito, inquieto e começou a caminhar na sua direção.

— Fica onde estás — disse o *godi*.

Os homens estacaram entre a fogueira e o carvalho velho, onde a carrinha branca ainda estava estacionada com a mala aberta.

— Trouxemos-te um presente.

Sune olhou para a mulher; nunca a tinha visto. Em seguida, olhou para o chão, porque não compreendia o que se passava, nem sabia o que fazer.

— O teu pai diz que passas a vida a ler livros. Queremos mudar os teus hábitos — disse o *godi*.

Os homens riram-se com laivos de crueldade.

Mais cedo, ao início da noite, sentira borboletas no estômago, mas, agora, estas transformavam-se lentamente em dores.

— Esta noite, honrarás Freia ao levar a cabo o rito da fertilidade.

O *godi* fez um gesto rápido à mulher e abeirou-se um pouco de Sune. Os homens formaram um semicírculo atrás deles.

— Isto irá reforçar a tua masculinidade — continuou o *godi*. — E a masculinidade é a nossa prenda para ti.

Sune olhou para cima e abanou a cabeça. Tentou encontrar os olhos do pai enquanto a mulher desapertava a sua blusa preta. Ela sorriu-lhe ao atirá-la para o chão, fazendo-lhe sinal para se aproximar. Ele, porém, não saiu do sítio onde estava. Não conseguia mexer as pernas.

Os cabelos caíam-lhe sobre os ombros, e brilhavam na escuridão sob o efeito das chamas da fogueira. Ele tentou desviar o olhar, mas não conseguiu afastar os olhos dos seus seios nus. Era a primeira vez que via, de facto, o corpo nu de uma mulher, e sentiu um estremecimento que lhe era desconhecido. Ela desapertou a saia preta e, antes de a deixar cair ao chão, deu mais um passo na sua direção.

Sune continuou a fitar os seios. Não conseguia olhá-la nos olhos agora que estava nua defronte dele. Pressentiu que alguns dos homens se impacientavam. A mulher passou os dedos pelo corpo nu e avançou um pouco mais. Na verdade, aproximou-se tanto, que o cheiro da sua pele lhe causou um certo ardor no baixo-ventre. Ela afastou ligeiramente as pernas e começou a balançar as ancas como se dançasse. Sune sentiu-a desapertar-lhe as calças e ouviu o fecho a abrir. Aturdido, soltou-a e deu alguns passos atrás, mas, antes de se distanciar o suficiente, uma mão agarrou-o pelo braço.

— Não sais daqui, meu rapaz!

Sune olhou para os homens que os rodeavam.

— Anda lá, começa a fazer alguma coisa — rosnou o *godi*.

A escuridão da floresta pareceu adensar-se e envolvê-lo. Por um momento, a sua mente viu-se tomada por um silêncio absoluto, como se os sons tivessem deixado de existir. Confuso, procurou desesperadamente uma brecha na muralha de homens que o cercavam e à mulher nua.

Avistou o seu pai. Sune queria correr até junto dele, mas o corpo mexeu-se-lhe como que em câmara lenta e, antes de se poder afastar, puxaram-no por trás, com violência, e quase o fizeram cair. A vozaria dos homens regressou quando ele se debatia para se libertar, mas a mão que lhe agarrava o braço não cedeu aos seus esforços.

— Fode-a! — gritaram.

— Não quero! — bradou Sune.

A mulher deu alguns passos atrás e agachou-se para apanhar a roupa.

Um dos homens pôs-se de imediato ao lado dela.

— Não te vais embora — disse ele, e ordenou-lhe que regressasse para junto de Sune.

— Não podem forçar o rapaz a fazer o que não quer — disse ela, e começara a vestir a saia quando levou um murro na cara.

— Fazes o que te pagámos para fazeres — e seguiu-se um segundo soco.

A mulher deixou de sorrir e, do nariz, escorreu-lhe um fio de sangue.

Antes de Sune conseguir reagir, duas mãos pesadas puxaram-lhe as calças e arrastaram-no pela terra até à mulher.

— Põe essa pila mole de pé e a trabalhar! Não deve ser assim tão difícil!

— Mas eu não quero — gemeu ele, abanando a cabeça. Os lábios tremiam-lhe, a pele sobre as faces retesou-se-lhe. Perdeu o controlo por completo e começou a chorar. Mordeu os lábios numa tentativa desesperada de fazer parar as lágrimas, e o seu pai, agora ao lado dele, falou-lhe ao ouvido.

— Vamos, rapaz, acaba com isto. Não me faças passar por parvo.

Nesse momento, a jovem deu um salto em frente e empurrou o seu pai.

— Deixe-o em paz! — gritou ela. — Não o pode forçar a fazer o que ele não quer!

Por um só instante, Sune sentiu-se menos apertado pelos braços que o continham — o suficiente para poder puxar as calças para cima e correr rumo à floresta, para bem longe das chamas da fogueira, dos archotes e dos homens. Correu o mais depressa que pôde. Queria tão-somente entrar na escuridão.

Parou apenas quando o sangue lhe pulsava já com tanta força nas têmporas, que se sentia tonto. Dobrou-se ao meio com as mãos nos joelhos e cuspiu para o chão. Ofegante, o suor corria-lhe frio debaixo da t-shirt.

Assim curvado, recordou-se do corpo nu da mulher e sentiu, de novo, um estranho ardor no baixo-ventre. Esfregou os olhos, o que, contudo, não apagou a imagem do fio de sangue. E ergueu-se quando os gritos dela rasgaram a escuridão.

Relutante, começou a percorrer o percurso que o levava até ali. No sentido inverso.

Quando se aproximou o suficiente para ver a fogueira por entre as árvores, a mulher parou de gritar.

Sune, em choque, encostou-se a uma árvore ao perceber o porquê do silêncio. Ela tinha algo branco preso à boca. Não lhe

conseguia ver o rosto, porém era claro o seu desespero pelo modo como se contorcia. Tentou desviar o olhar, mas os olhos detiveram-se-lhe nos homens que a mantinham presa. Reparou como o pai estava um pouco curvado atrás dela antes de puxar as calças para cima e dar lugar ao próximo na fila.

A mulher continuou a contorcer-se para se libertar à medida que, um por um, todos os homens a possuíram. Sempre que os empurrava ou pontapeava, davam-lhe vários socos, e os dois homens que a seguravam só a soltaram depois de o último homem a violar. No fim, ela caiu por terra e aí ficou. Imóvel.

Sune quis gritar, mas a voz morreu-lhe na garganta. De repente, paralisou por completo. Ansiava pelo calor do fogo sem, contudo, se conseguir mexer. Viu os homens puxarem pelos braços da mulher, abanando-a pelos ombros. Por fim, o *godi* agachou-se e verificou-lhe o pulso. Pouco depois, largou-lhe o braço e abanou a cabeça.

Em seguida, os homens reuniram-se diante da fogueira. Sune ouviu-os a conversar, mas não percebeu o que diziam. Depois, muitos deles dirigiram-se para trás da carrinha e desapareceram entre as árvores, enquanto os restantes se agrupavam na clareira.

Sune não fazia ideia de quanto tempo ficara sem se mexer, reduzido ao estado de mero observador. Sabia apenas que a mulher que, não há muito tempo, o fitara e lhe sorrira não se mexia desde que os homens haviam abandonado o seu corpo nu no chão.

— Estamos prontos! — berraram de detrás da carrinha. O *godi* encaminhou-se até à mulher e levantou-a. Os braços e pernas dela penderam como carne morta quando a transportou por entre as árvores.

Sune estremeceu. Tinha o pé direito dormente, e a perna cedeu-lhe quando tentou voltar para a floresta. Era como se o cérebro se recusasse a aceitar o que os olhos tinham visto. Embora o coração batesse descompassado perante o horror, o corpo estava pesado como chumbo, pois sabia que a mulher estava morta. Soubera-o assim que a vira cair ao chão, imóvel.

Gatinhou um pouco até conseguir, finalmente, fazer o sangue fluir na perna, e sentiu a dor que advinha do regresso da circulação sanguínea. Devia correr e esconder-se, pensou ele, mas para onde iria? Perscrutou a escuridão da floresta. Alguns galhos estalaram quando, com esforço, se pôs de pé e tateou o caminho por entre as árvores.

De repente, ouviu vozes gritarem o seu nome. Sabia que o perseguiam.

Sune susteve a respiração e aninhou-se debaixo de alguns ramos que encontrou no chão da floresta.

As vozes voltaram a chamá-lo. Estavam agora mais próximas.

— Sune, aparece!

Era o seu pai.

— Aparece! Agora, fazes parte disto. Não podes simplesmente fugir e esconder-te!

Sune ouviu galhos estalarem quando um dos homens passou pelo sítio onde se escondia. Susteve a respiração e, depois, os passos afastaram-se.

Continuou aninhado no chão, sem ousar mexer-se ou sequer respirar. Pouco depois, regressaram: ouviu como os galhos eram esmagados, as folhas pisadas. Sune estendeu-se ao comprido na terra e susteve, de novo, a respiração, comprimindo uma das faces contra o chão húmido da floresta.

Percorreram a área onde ele estava deitado até ouvirem, de súbito, um assobio alto. Seguido de um outro. Como uma sirene no silêncio opressivo da noite na floresta. Os homens voltaram para a clareira em volta da fogueira, como se a busca tivesse sido cancelada.

Por fim, quando os passos desapareceram, Sune relaxou. Respirou fundo e virou-se, vislumbrando, assim, a Lua radiante por entre a copa das árvores. O seu coração batia como louco ao pedir aos deuses que os homens não o encontrassem.

Junto do carvalho sacrificial, o *godi* vestiu, de novo, o manto, e Sune viu como os homens se reuniram. A fogueira esmorecia. As chamas cediam, aos poucos, cada vez mais espaço à escuridão,

que se apoderava agora da clareira. Os homens formaram um círculo e o *godí* fechou-o. Sune fitou o que passavam de mão em mão.

Tratava-se do anel dos juramentos, uma bracelete metálica repleta de simbolismo. E Sune sentiu como o frio da noite se espalhava pelo seu peito, ao perceber que era aquele o motivo pelo qual o procuravam...

Agora, ele era adulto e, portanto, parte integrante daquele mundo. Jurara, com o seu sangue, ser um deles. Esperavam que apoiasse os seus irmãos após fecharem o círculo com um voto de silêncio. Um voto que jamais poderiam quebrar.

Louise Rick olhou em volta das casinhas nas hortas comunitárias. Acordara cedo para fazer as malas e pôr tudo no carro. Durante o período de baixa médica, permanecera naquela casinha de madeira preta em Dragør — a casa que ela e o seu vizinho Melvin Pehrson haviam comprado.

Regressava agora ao seu apartamento em Frederiksberg e ao seu trabalho na Polícia. A rotina tranquila da vida nas hortas comunitárias fora — tanto para ela quanto para Jonas, o seu filho adotivo — agradabilíssima. Na verdade, adequara-se perfeitamente ao seu estado de espírito: era aquilo de que precisava naquele momento.

Todas as manhãs, depois de Jonas apanhar o autocarro para a escola, fazia um bule de chá, que acondicionava no cesto da bicicleta, e dirigia-se à praia acompanhada por *Dina*, que corria ao seu lado. A cadela também nadava quando Louise dava os seus mergulhos matinais, e olhava, pasmada, para a dona sempre que esta regressava a terra, como que a tentar convencê-la a permanecer mais tempo na água. Ocasionalmente, Louise tinha vontade de não voltar a terra, de nadar para longe, e de ser engolida pelas ondas... de desaparecer. Porém, acabava sempre por fazer sinais à sua companheira surda, para que esta a seguisse.

Mantinha-se distante da cadela até esta parar de se sacudir. Se a manhã estivesse cinzenta e chuvosa, enrolava-se numa toalha

grossa e gatinhava por entre a vegetação rasteira das dunas. Aí, contemplava o mar e bebia o seu chá. *Dina*, por seu lado, adorava correr na areia e comer os mexilhões que chegavam à praia com a maré.

Estava de baixa médica desde o incidente na Casa do Fiscal, onde haviam morto a tiro um homem que a tentava violar. Mas não eram as recordações do seu corpo nu e do homem atrás de si que a perturbavam. Nem a da sua cabeça desfeita por uma bala, ou a do sangue que se espalhara por todo o seu corpo.

De facto, a lembrança que a inquietava era a de René Gamst, o homem que a salvara. Lembrava-se da luxúria nos seus olhos, enquanto esperava para disparar o tiro fatal, e do desprezo na sua voz quando lhe disse que ela gostara da situação por que passara.

Porém, o pior fora o que ele dissera sobre Klaus, o primeiro namorado de Louise, que se enforcara no dia em que se tinham mudado para uma casa onde passariam a morar juntos.

«O teu namorado era um medricas. Não teve coragem para se enforcar sozinho», dissera-lhe René.

As palavras ecoavam-lhe na cabeça desde que, naquele dia, a ambulância a transportara para o hospital.

O exame médico revelara que ela tinha três costelas fraturadas no lado esquerdo; de resto, tinha apenas arranhadelas e pisaduras. Teve alta nessa mesma noite. Rønholt, o seu chefe, sugeriu-lhe que pedisse baixa, e ela assim fez, unicamente porque as palavras de René a tinham afetado: reverberaram naquele local que, durante tantos anos, ocultara no seu coração. Inclusive a si mesma.

Ela e Klaus namoravam desde que Louise andava no nono ano na escola de Hvalsø. Quando ela fez 18 anos, ele deu-lhe um anel de noivado. Um ano depois, quando Klaus acabou o seu estágio como talhante, mudaram-se para uma quinta velha em Kisserup. Porém, na segunda noite, ele enforcou-se.

Embora tivessem decorrido já muitos anos, os remorsos atormentavam-na desde que, ao fundo do corredor de teto rebaixado,

o encontrara pendurado da escadaria, de corda esticada à volta do pescoço. Remorsos por, na noite anterior, ter ido a um concerto em Roskilde e pernoitar em casa da sua amiga Camilla. Remorsos por aparentemente não ser boa quanto bastava. Porque ele não se teria suicidado se ela merecesse o seu amor.

Nunca compreendera o que acontecera naquela noite, muitos anos antes. Até agora.

Se René dizia a verdade, Klaus não se enforcara sozinho.

René Gamst estava detido na Prisão de Holbæk, onde aguardava julgamento. Pouco depois da sua detenção, admitira disparar os dois tiros, e todos sabiam que havia disparado com a intenção de matar. Era difícil provar que pretendia vingar-se do homem que violara a sua mulher, pois Gamst alegava que a intenção fora a de salvar Louise.

No dia anterior ao da partida da casinha nas hortas comunitárias, analisara de novo todos os detalhes do caso com o vice-comissário Kim Rasmussen, no seu gabinete na esquadra de Holbæk. Não se sentira particularmente orgulhosa, em especial quando teve de explicar como René Gamst acabara com um braço partido. Ele não fizera quaisquer comentários relativos ao braço e, até então, a sua explicação fora vaga. Contudo, diante da pressão por que o colega a fez passar, ela acabara por confessar, no gabinete de Kim, ter recorrido à violência após os disparos de Gamst.

Muitos anos antes, Louise fora transferida para Holbæk por um curto período, e ela e Kim haviam namorado. Ele terminou a relação depois de uma grande discussão, mas, apesar de vários anos se terem passado e de se ter instalado uma certa distância, ele conhecia-a bem o suficiente para saber que escondia alguma coisa.

Depois, Louise contou tudo. Toda a história acerca de Klaus e dos longos anos de remorsos. Falou sobre o motivo pelo qual fora tão má para Kim, e acerca da ansiedade que lhe causavam os compromissos, porque, desde a morte de Klaus, encarava as relações sem entusiasmo.

Louise sabia que esta última confissão o magoara, embora ele tentasse esconder a desilusão. Todavia, presentiu também que, agora, Kim a compreendia.

Ela descreveu o que se sucedera depois da revelação de René acerca de Klaus: pontapeara-lhe a espingarda das mãos, torcera-lhe o braço atrás das costas (e com tamanha violência, que ele gritou), atirara-o ao chão e pusera-lhe as algemas.

— Mas não ouvi o braço partir-se — disse ela, tentando esquecer-se do ruído das algemas de plástico estreitas que lhe apertara nos pulsos. — Só queria que ele me dissesse o que sabia.

LOUISE LEVOU AS últimas coisas para o carro e voltou atrás, para ver se se esquecera de alguma coisa. Melvin queixara-se algumas vezes do tamanho da relva, mas ela tinha-a cortado. Bem, na verdade, fora Jonas quem a aparara, porque ele achava piada ao velho corta-relva, e porque a cortava em dez minutos.

Recebeu uma mensagem de Jonas quando saía do parque de estacionamento. Passara a noite com um amigo; devem estar provavelmente a caminho da escola, pensou Louise. Tinha saudades dele. Nessa noite, passaria algum tempo com o filho — refastelados no sofá diante de uma refeição de takeaway.

Ela parou o carro.

«Vou para casa do Nico e ao cinema, está bem?»

Nos últimos tempos, Louise passava pouco tempo com o filho de 15 anos e, apesar de nunca o confessar em voz alta, sentia-se, por vezes, rejeitada quando ele preferia conviver com os seus amigos a estar com ela. Porém, antes de um tal sentimento se aprofundar, barafustou consigo mesma; mostrou-se tão implacável, que eliminou por completo os ciúmes de que padecia.

Sentia-se feliz por ver o filho bem. Pouco tempo atrás, ele passara por um período difícil na escola, e Louise preocupara-se imenso. Jonas já tivera demasiada tristeza na sua vida. Os seus pais tinham morrido, e, não há muito, perdera um amigo chegado. Portanto, ela precisava de se resignar com a sua própria solidão. E se estava sozinha, só a si o devia, como fez questão de

recordar ao responder-lhe com um «Tudo bem», seguido de um *smile*, um coração e um *thumbs up*.

A caminho da cidade, imaginou o regresso ao gabinete. O trabalho não a preocupava; porém, inquietava-a pensar nos olhares inquiridores e, sobretudo, de compaixão por parte dos colegas. Todos sabiam o que acontecera, claro. Mas ela preferia não abordar o assunto.

E cruzar-se-ia com Eik.

«Quando duas pessoas saem de casa juntas, juntas voltam para casa», dissera-lhe o seu parceiro quando a quisera acompanhar na ambulância. Mas ela recusara e refugiara-se na sua concha, tolhida que estava pelas palavras de René.

Eik telefonara-lhe várias vezes, mas ela não lhe respondera. Um dia, chegou-lhe pelo correio um pacote com um CD de Nick Cave. Ela nem sequer lhe agradecera o presente.

Louise sabia que Eik tinha boas intenções, mas não estava preparada para o ver. As revelações acerca de Klaus arrasaram-na. E estava de tal modo destroçada, que a noite que ela e Eik passaram juntos, pouco antes de tudo se desmoronar, assemelhava-se mais a um sonho do que a uma recordação recente de sexo delicioso e à sensação arrebatadora de se apaixonar.

Depois de estacionar e desligar o motor do carro, contemplou, por um momento, as janelas altas do seu departamento. Então, sentiu que Eik estava próximo, e não conseguiu evitar que um formigueiro lhe percorresse a pele.

— **N**ão te esqueças de ver o correio — gritou Hanne, quando Louise passou pelo gabinete da secretária. Esta última parou, virou-se e voltou atrás com um sorriso estampado no rosto. Tudo isto para constatar que, afinal, a sua caixinha de correio estava vazia.

Conhecia Hanne Munk desde uma curta passagem da secretária pelo Departamento de Homicídios, onde Louise costumava trabalhar. Nessa altura, encarou como uma lufada de ar fresco a mulher de cabelo ruivo e volumoso, roupas berrantes e gestos expressivos, mas depois de Louise se transferir para o Departamento de Pessoas Desaparecidas, a sua relação com a secretária de Rønholt passara a ser, no mínimo, tensa.

— Obrigada por mo lembrares — disse ela ao sair do gabinete. Apesar de já conhecer o feitio de Hanne, aborrecia-a que a secretária não lhe tivesse dito uma única palavra de incentivo nem demonstrasse interesse por a ver regressar após uma ausência prolongada.

Menopausa, poucas horas de sono, pouco sexo, pensou Louise enquanto respondia a outra mensagem de Jonas, que lhe perguntou se poderia passar outra noite em casa de Nico depois de uma ida ao cinema.

Este rapaz chega a mudar de roupa? Louise apressou-se a atravessar o corredor até à «Toca do Rato», o gabinete duplo que lhe

fora atribuído depois de a nomearem chefe da recém-criada Agência Especial de Busca no Departamento de Pessoas Desaparecidas. Eram responsáveis pela resolução dos casos de pessoas desaparecidas que se suspeitava resultarem de uma atividade criminal.

O espaço era mais do que suficiente para toda a equipa, que, até agora, consistia nela e em Eik Nordstrøm. No entanto, irritava-a o facto de Rønholt não lhes providenciar um local de trabalho digno: encontravam-se por cima da cozinha e, por conseguinte, absorviam todos os cheiros libertados pelo sistema de exaustão. O gabinete em péssimo estado fora também invadido por ratos, problema posteriormente solucionado por uma empresa de desinfestação.

Abriu a porta para estacar imediatamente, pois deu por si defronte de um pastor-alemão que, de dentes arreganhados e pelos eriçados, a fitou e lhe ladrou ferozmente. Deu um salto para trás e bateu com a porta. Nesse instante, ouviu a voz de Eik ao fundo do corredor, virou-se e viu-o sair da sala de fotocópias e a enfiar um maço de cigarros amassado no bolso das calças.

Mais cedo, enquanto conduzia, imaginara como seria revê-lo após tanto tempo, e ponderara no que lhe dizer. Agora, tinha-o, de repente, à sua frente. Todo o corpo se lhe aqueceu, todas as partículas, inclusive as mais minúsculas células, e quando Eik abriu os braços para a cumprimentar, esqueceu-se por completo do que a levava a não o visitar durante a estadia nas hortas comunitárias.

— Como estás, minha querida?

Ele apertou-a num abraço, mas recordou-se das costelas partidas e depressa a soltou.

— Desculpa não ter respondido às tuas chamadas — murmurou ela de forma estranha, e de imediato desviou a conversa: — Que cão é aquele no nosso gabinete?

— Deixa-me entrar primeiro — disse ele. — É o *Charlie*, e é melhor apresentar-vos.

— *Já* travei conhecimento com a besta — disse ela. — Quase me estraçalhava a garganta.

— Não sejas tola; ele não te faz mal. Tem apenas de te conhecer. Para ele, és uma intrusa, porque está cá desde que te ausentaste.

Eik abriu a porta da Toca do Rato e agachou-se à entrada. O canzarrão correu até ele, e Louise reparou que o animal mancava e que não pousava a pata traseira direita no chão. Ele saltou para o colo de Eik e começou a lamber-lhe a cara tão vigorosamente, que quase o deitava ao chão.

— Que lhe aconteceu? — perguntou Louise, que permaneceu no corredor, enquanto o seu parceiro se levantava e continha o cão pela coleira.

— Aqui o nosso amigo *Charlie* levou um tiro quando perseguia um tipo que assaltou um banco em Hvidovre. A bala furou-lhe a coxa. Felizmente, o veterinário acha que ele voltará a fazer uso da perna, embora nunca possa voltar à patrulha.

— Ah, é um cão-polícia... — disse ela, e Eik anuiu enquanto afagava o focinho do animal.

— E o polícia que o treinava? — perguntou Louise.

Eik anuiu de novo, agora triste.

— Foi ele quem matou o assaltante.

Todos os agentes da Polícia conheciam o caso de Hvidovre. Tratara-se de um assalto armado ocorrido meses antes, durante o qual dois homens mascarados entraram no banco com duas caçadeiras de cano curto, confrontaram os funcionários do banco e forçaram dois clientes a deitarem-se no chão. Louise não se conseguia recordar da quantia com que tinham fugido, mas esse não passava de um pormenor irrelevante. A Polícia chegara num ápice e cercou os dois assaltantes, que transportavam uma saca cheia de dinheiro, no parque de estacionamento mais próximo.

Um dos assaltantes começou a disparar sobre a Polícia e atingiu o cão. Não muito tempo depois, o homem estava prostrado no chão. Morto. Tinha 19 anos, e o outro assaltante era seu pai. Eram dois homens sem antecedentes criminais, que escolheram a pior solução para a sua situação económica exasperante.

As revistas e os jornais divulgaram até à exaustão a história do pai, cuja empresa de pintura falira. Dois anos antes, tinha a seu cargo 12 funcionários e um casarão em Greve. O filho estagiara na firma. Depois, tudo se desmoronou, o que deixou o pai afundado em dívidas, e o filho desorientado por se ver sem o estágio.

— Hoje em dia, já não se assaltam bancos — disse Eik.
— Todos sabem que serão apanhados. O gajo está arrasado.

— O pai? — perguntou Louise.

Não tinha acompanhado o julgamento. Um assalto à mão armada resultava invariavelmente numa pena pesada, e o facto de o outro assaltante, o seu filho, ter sido morto não a aligeirava.

— Sim, esse também está — anuiu, novamente, Eik. — Mas estou a falar do *pai* do *Charlie*. Fecha-se em casa, a olhar para as paredes. Julgo que nunca voltará ao serviço. Andámos juntos na Academia de Polícia, e não nos vimos muito desde então, mas ele e o *Charlie* passavam de vez em quando por Sydhavnen. Por isso, prometi ao Finn que tomava conta do cão até ele se recompor.

Ora aí estava a explicação, e não havia nada a fazer, pensou Louise. De resto, nada lhe ocorreu que pudesse opor à argumentação do colega. Portanto, anuiu e tentou dar alguns passos para o interior do gabinete.

Charlie sentara-se ao lado da perna de Eik.

— Chega aqui e diz-lhe olá.

Louise pegou no biscoito de cão que ele lhe deu. Contudo, antes de conseguir oferecê-lo ao cão, este levantou-se, de novo, de dentes arreganhados, e ela saltou logo para o corredor.

— Tudo bem, deixemos as apresentações para mais tarde — disse Eik, que levou o pastor-alemão para a sua secretária e com ele resmungou, como se fossem um casal de velhos.

— Para com isso! — disse Louise. — Quero-o fora daqui!

— Espera um momento — disse ele; pegou na trela e prendeu-a à perna da mesa. Em seguida, encaixou-a na coleira que o cão tinha ao pescoço. Ordenou ao cão que se sentasse.

Acompanhada por um rosar baixo, Louise dirigiu-se finalmente à sua secretária.

— Mas falando a sério... — disse ela. — Não o podes levar para casa? É ridículo tê-lo aí deitado a rosnar-me.

— Está habituado a acompanhar-me. De outro modo, teria de ser fechado numa boxe, coisa que não tenho.

— Pois, é uma pena, mas ele não pode ficar aqui — disse ela.

— Ora, vá lá. O *Charlie* é bom rapaz. Só têm de se conhecer melhor.

Ela começava a perder a paciência. Em primeiro lugar, ela era a chefe daquela unidade composta por duas pessoas. Em segundo lugar, nunca lhe passaria pela cabeça levar *Dina* para o trabalho se ela incomodasse alguém.

Contudo, antes de dar largas à sua indignação, o telefone tocou.

— Agência Especial de Busca, fala Louise Rick — disse ela, e virou as costas a Eik, que ainda falava com o cão, tentando fazê-lo calar-se.

Sentiu um nó no estômago assim que ouviu a voz de Kim. Antes de dizer algo mais do que o nome, Louise teve a certeza de que ele telefonava para lhe dar conta dos procedimentos disciplinares que interporiam contra ela, na sequência do seu comportamento clamoroso ao deter René Gamst na Casa do Fiscal de Caça. Nessa fração de segundo, chegou também à conclusão de que não se arrependia de nada do que fizera, mesmo que isso lhe prejudicasse a carreira.

— Olá, Kim — disse ela, a sua voz calma; sentou-se.

— Temos aqui um caso para vocês — disse ele, e nada na sua voz indicava que, no dia anterior, ela lhe narrara a sua vida destroçada.

Louise recompôs-se imediatamente. Apesar de tudo, ela chefiava a Agência Especial de Busca do Departamento de Pessoas Desaparecidas.

— E porque querem transferir o caso para o nosso departamento? — perguntou ela.

— Porque é o relatório de uma pessoa desaparecida há algumas semanas, e há aqui qualquer coisa que não bate certo.

O Rønholt pediu-me para to passar — apressou-se a acrescentar Kim, como que em jeito de desculpa. — Desapareceu um rapaz de Hvalsø.

Louise resmungou para consigo. Não precisava que mais fantasmas do seu passado se intromettessem na sua vida atual, e decerto não precisava de mais casos relacionados com pessoas suas conhecidas na infância e na juventude.

— O rapaz chama-se Sune Frandsen — continuou Kim. — É filho do Frandsen, o talhante. O tipo da carrinha branca.

Parou-se-lhe o coração. O talhante... Denunciara-o por venda ilegal de carne e práticas comerciais equiparadas ao mercado negro. Bem, na verdade, limitara-se a falar com Kim, porque ela seria incapaz de capturar um homem que fizera parte do círculo de amigos de Klaus. *Escapara-se com um mero alerta, quase de certeza*, pensou ela.

— Muito bem — e foi tudo o que conseguiu dizer. — Nem sabia que ele tinha um filho.

— O Sune desapareceu no dia em que fez 15 anos, ou seja, há cerca de três semanas — disse Kim. — E não descobrimos um único indício do seu paradeiro. Deixou a carteira e o telemóvel no quarto. A família já se encontrava numa situação infeliz, porque a mãe está a morrer com um cancro. A doença causou um grande impacto no rapaz.

Louise rabiscou algumas palavras num bloco.

— Ele anda no oitavo ano, na escola de Hvalsø — continuou Kim. — O diretor da escola e os pais do rapaz receiam que tenha fugido de casa para se suicidar. O pai diz que estava invulgarmente calado antes de desaparecer. Como já disse, andava muito infeliz com a doença da mãe, e tinha dificuldades em lidar com a situação. A escola informou-nos de que o Sune faltou a várias aulas nos últimos meses, e que nem sempre fazia os trabalhos de casa. O que, pelos vistos, não era habitual nele.

Louise anuiu. Ela estava bem ciente de que os rapazes se suicidavam mais frequentemente do que as raparigas. Sobretudo quando enfrentavam problemas emocionais deste género.

— Ainda assim, não vejo porque é que tu e o Rønholt decidiram entregar-nos este caso.

— O professor da turma do Sune visitou-me há pouco — disse Kim. — Trouxe consigo um jornal, o *Midtsjællands Folkeblad*. Um jornaleco local, gratuito e entregue porta a porta — acrescentou ele, como se fosse necessária uma explicação.

Louise conhecia o jornal; os seus pais recebiam-no.

— Ele mostrou-me uma fotografia de uns filhotes de raposa num artigo da secção de Natureza do jornal. A fotografia foi tirada com uma daquelas máquinas escondidas que os fotógrafos de Natureza usam para não assustarem os animais. As máquinas disparam automaticamente; têm um detetor de movimento ou um feixe invisível de infravermelhos. Por outras palavras, o fotógrafo não estava presente quando a fotografia foi tirada.

— Certo... — balbuciou Louise.

— As crias estavam, claro, em primeiro plano, mas atrás, no lado direito, vê-se um rapaz sentado no chão, junto a uma pequena fogueira. E o professor tem a certeza absoluta de que é o Sune.

— Tudo bem; sendo assim, basta-te descobrir onde tiraram a fotografia. Depois, vais lá buscá-lo e leva-lo para casa — disse Louise, que continuava sem entender o porquê de envolver o seu departamento no caso.

— Não é assim tão simples — disse Kim. — Ontem, quando o jornal saiu, o professor foi à casa dos pais para lhes mostrar a fotografia, e acabou por ser literalmente expulso. O pai do Sune disse-lhe para não se intrometer nos assuntos da sua família. Recusou-se a olhar para a fotografia, e rejeitou a hipótese de o filho estar escondido e necessitar de ajuda.

— O rapaz na fotografia assemelha-se muito ao filho do talhante? — perguntou Louise. Olhou para Eik, cuja secretária estava encostada à sua. Ele não seguira, obviamente, a conversa, pois tinha os olhos colados ao ecrã do computador. Louise apercebeu-se de que não sabia se tinham surgido novos casos na sua ausência, ou se ele analisava algum dos antigos casos que

lhes tinham atribuído. Conseguira, de algum modo, esquecer-se do trabalho.

— Sim, parece-se muito com ele — respondeu Kim. — Aparentemente, seria um caso normal de fuga, mas já temos o caso aberto há duas semanas sem nenhum progresso concreto. É por isso que to envio.

Kim seguia tão-somente o protocolo. Quando não se localizava uma pessoa desaparecida num máximo de duas semanas, a Polícia local encaminhava o caso para o Departamento de Pessoas Desaparecidas, ficando este como responsável pelo mesmo e por rastrear os movimentos da pessoa em causa e recolher informações de identificação.

Era, no mínimo, bizarro que o talhante de Hvalsø acabasse na sua secretária, como pensou Louise. É certo que a sua unidade — ela e Eik — realizava sobretudo investigação e trabalho de campo, enquanto os seus colegas no departamento trabalhavam, maioritariamente, no escritório, onde coordenavam registos e pesquisavam em bancos de dados internacionais informações pessoais relacionadas com as buscas. Mas ela voltara há dez minutos e ali estava ele. O talhante. Se Kim tivesse telefonado na sexta-feira anterior, teria sido Eik ou um dos outros a deslocar-se à vilória no centro da Zelândia.

— Acho que nunca ouvi falar de pais que se resignassem com o desaparecimento de um filho — disse ela, e relanceou novamente Eik, que ainda fitava o monitor. — Na verdade, passam normalmente por um período horrível de perda e de aceitação, mesmo quando há um corpo.

— Exato — disse Kim. — Passa-se aqui algo de errado, e é por isso que julgo que vocês deviam investigar o que pode ser.

Camilla Lind estugou o passo. O que lhe pareciam meros chuviscos, quando saíra de casa, eram agora aguaceiros. Talvez fosse preferível voltar para trás, pensou ela. Mas adorava o cheiro a terra molhada na floresta e sentir as gotas de chuva humedecerem-lhe a fronte transpirada.

Começara a correr depois de se mudar para Ingersminde, a mansão dos sogros em Boserup, não muito longe de Roskilde. Nunca se afastava muito de casa, mas, pelo menos, corria, o que lhe dava a oportunidade de explorar a vasta secção de floresta privada que pertencia à propriedade.

Ela virou à direita, onde o caminho se estreitava, e passou por um pequeno matagal que depressa deu lugar a um espaço mais aberto, com árvores mais espaçadas. Enquanto corria, tentou encontrar um bom título para a entrevista na qual trabalhara o dia inteiro. De momento, trabalhava como jornalista freelance para o jornal de Roskilde, que lhe atribuía pequenas tarefas; no entanto, fora-lhe agradável entrevistar Svend-Ole na sua pequena oficina em Svogerslev. Durante os últimos 35 anos, recolhera as *slot machines* usadas do Tivoli, e tinha uma grande coleção de máquinas, com as suas alavancas laterais, na garagem, onde ele e a mulher gostavam de jogar.

De repente, Camilla avistou qualquer coisa entre as árvores e abrandou.

A chuva parecia distorcer a paisagem, mas conseguiu discernir um rapaz agachado debaixo de uma grande árvore, onde comia algo que recolhera do chão. Conquanto à distância, via que ele estava encharcado, e com o cabelo empapado.

Começou a caminhar em direção à clareira. Ao aproximar-se, sentiu o cheiro de madeira queimada, um odor ácido, e reparou numa área larga onde se haviam feito fogueiras, o que a fez refletir. Tinha a certeza de que jamais estivera naquele sítio...

— Olá! — bradou ela. — Não tens frio?

O rapaz sobressaltou-se quando ouviu a sua voz; pôs-se de pé com um salto e largou a correr.

Camilla, espantada, observou-o.

— Ei! — gritou ela. — Espera!

Todavia, o rapaz corria muito depressa, e Camilla achou tudo aquilo tão estranho, que decidiu correr atrás dele.

Porém, perto da grande árvore sob a qual ele estivera sentado, as pernas fugiram-lhe. Ela praguejou em voz alta ao tombar, e caiu de barriga numa poça de lama.

Levantou-se lentamente. Além do choque provocado pela queda, estava coberta de lama. Recuou um pouco e sentou-se, encostando-se à árvore. No sítio onde o rapaz se havia sentado, encontrava-se um montículo de comida molhada. Pareciam-lhe restos de um churrasco. Perturbava-a que o rapaz estivesse a comê-los, porque, ou muito se enganava, ou alguns animais selvagens tinham-nos também mordiscado um pouco, a ter em consideração os vários ossos roídos por ali espalhados. Porém, tinham deixado parte da comida. Quicá tivessem sido interrompidos. *Talvez pelo rapaz*, pensou, e estremeceu perante tal perspectiva.

Começava a sentir frio, porque estava sentada com as roupas de exercício molhadas, mas não conseguia deixar de pensar no rapaz. Apesar de a floresta ser propriedade privada, todos tinham o direito de por lá passar, o que significava que ele não precisava de fugir. Algumas pessoas passavam por lá de carro, o que era estritamente proibido, mas Frederik ou o caseiro repreendiam-nas sempre que as apanhavam em flagrante delito.

Camilla tremelicou com a dor no joelho: reparou que se magoara na queda. Depois de se levantar, movimentou cuidadosamente a perna e curvou-se para sacudir a lama das calças. Por mais estranho que parecesse, a lama era mais vermelha do que castanha. De repente, apercebeu-se de que era sangue, e não terra.

Aflita, limpou com sofreguidão as mãos ao tronco da árvore. Depois, ainda inquieta, correu por entre as árvores em direção a um pequeno ribeiro que descobrira noutra passeio. Sentia-se suja, conspurcada. Pelo caminho, arrancou folhas e ramos de árvores pequenas, com que tentou limpar o sangue que lhe manchava as roupas. Só então reparou que parara de chover.

Estava enregelada quando encontrou o caminho certo até ao ribeiro. Pisou com cuidado as pedras que se erguiam sob a água e agachou-se para lavar a cara. Limpou os braços com as folhas e deixou que a água gelada lhe molhasse as pernas, e viu o sangue lamacento a escorrer-lhe pelas coxas e pelas barrigas das pernas. Recolheu mais água — a ideia de estar coberta de sangue enjoava-a.

De repente, ouviu um som na floresta atrás dela, o ruído de galhos a serem esmagados, algo a ser arrastado pelo chão. Voltou-se com medo e quase se desequilibrou ao avistar uma velhota com um chapéu de palha de abas largas e uma trança comprida que lhe caía sobre o ombro direito.

— As carroças percorrem o Trilho da Morte — disse ela, e fitou Camilla com os seus olhos azul-claros, muito séria. Em seguida, e com um grande ramo na vez de uma bengala, virou-se e desapareceu de forma silenciosa e surpreendentemente rápida na floresta.

Camilla permaneceu imobilizada em pleno ribeiro, demasiado chocada para dizer o que quer que fosse. Não fazia ideia de onde surgira a mulher; não ouvira nada até a ter praticamente nas suas costas. E não sabia sequer se havia algures uma entrada na floresta nas proximidades do ribeiro.

Sentiu a pulsação nos ouvidos quando, encharcada, se apressou a regressar a casa sob o crepúsculo que caía sobre o bosque.

Sune tentou mais uma vez. Encontrara alguns galhos dentro de uma árvore oca onde pendurara o seu casaco com gorro (para que este secasse), mas não conseguia fazer fogo com o auxílio do isqueiro.

Pensou na sua mãe. Ela apoiava-o sempre; como da vez em que ele quis entrar nos escuteiros. O pai dissera-lhe que era uma idiotice; ele começara a jogar andebol aos 7 anos e não compreendia porque é que o seu filho nem sequer experimentava praticar desporto.

«O teu filho não tem inclinação para estas atividades», respondera a mãe depois de Sune experimentar. Nos escuteiros, contudo, ganhara todos os prémios de mérito. Sempre que trazia um dístico novo para casa, ela cosia-o orgulhosamente na sua camisa de escuteiro.

Agora, os seus dentes chocalhavam como castanholas e os dedos estavam hirtos por causa do frio, apesar de a chuva ter parado. Esperara mais de uma hora antes de voltar para junto da comida que abandonara quando a mulher correu e gritou atrás dele. Ele sabia que não devia comer aqueles restos — podia adoecer —, mas estava esfomeado. Foi o seu corpo, e não o cérebro, que o conduziu por entre as árvores e até à clareira. Rumo à comida.

Um outro grupo de crentes em Ásatrú fazia sacrifícios sob o velho carvalho. Os restos que andava a comer pertenciam-lhes.

Observara-os do seu esconderijo quando se reuniram em volta da fogueira. Nunca antes se cruzara com eles, pois tinham sido os responsáveis pela expulsão do grupo ao qual o seu pai pertencia. Ao qual, agora, ele também pertencia. Tal ideia angustiou-o tanto, traduzindo-se numa dor no peito, que mal conseguiu respirar.

Ao início, o seu pai e os outros membros do grupo ficaram furiosos com a decisão de a organização religiosa Asa-Vanir, denominada Forn Sidr, os expulsar. Contudo, agora, pareciam ver-se como crentes superiores, uma espécie de nobreza pagã, porque eram mais fiéis aos costumes originais, ao contrário dos outros vagabundos, que estavam mais interessados em drogarem-se e beberem o seu hidromel caseiro, como dizia o seu pai.

Passara muitas noites na floresta desde a sua iniciação. Encontrara por duas vezes comida no carvalho sacrificial, e a que recolhera depois da cerimónia tinha durado uma semana. Da segunda vez, guardou a comida em folhas grandes, com a esperança de a manter fresca.

Depois dos factos horrorosos da sua iniciação, decorreram várias horas antes de se atrever a esgueirar-se até à clareira. Os carros tinham-se ido embora, e ele susteve a respiração; receava o silêncio e a luz intensa do céu claro e estrelado. Ainda brilhavam algumas brasas na fogueira, mas não ousou aproximar-se para se aquecer. Não tinha como saber se alguém ficara para trás, à sua espera. Por fim, correu protegido pelas sombras das árvores até ao carvalho, onde sabia que deveriam ter deixado muita da comida que o seu pai levava.

Tentou esquecer-se de tudo o que acontecera, repelir a imagem da mulher que lhe sorrira antes de ser morta. Depois de os homens regressarem à clareira sem ela, e de o *godi* fechar o círculo e fazer circular o anel dos juramentos entre eles, sentaram-se junto da fogueira, e comeram e beberam como se nada tivesse acontecido.

Todavia, para Sune, as coisas não eram assim tão simples. Tinha saudades da sua mãe. Quase todas as noites, tinha pesadelos com a sua morte. Imaginava caixões brancos e cemitérios.

Acordava banhado em suor. Sabia que a sua mãe enfraquecia a cada dia que ele continuava longe. Mas sabia também que não poderia voltar a casa sem se reconciliar com o seu pai e os outros. E ele não o fazia. Não depois do que tinha passado naquela noite. Nunca faria parte do grupo, nunca seria como eles.

Cambaleou quando ouviu um carro aproximar-se pelo caminho estreito da floresta, e calçou os melhores galhos e ramos que arranjara para a sua pequena fogueira antes de se esconder na árvore.

Procuravam-no todas as noites. Quando se acercavam demasiado, ele pegava nas suas coisas e corria. Qual animal selvagem escoraçado da sua toca, apressava-se a encontrar outro esconderijo. Não sabia quem o procurava. Podiam procurá-lo por turnos, pensou ele. Agarrou os joelhos.

O medo de ser encontrado fazia-o sentir um formigueiro ao longo de toda a pele. Tinha de abandonar aquela área, de ir para um sítio onde não o procurassem. Só não sabia onde encontrar refúgio. Se pelo menos tivesse feito uma fogueira mais cedo... As suas roupas estariam agora secas, e ele não sentiria tanto frio.

Abriu uma das folhas e mordiscou uma das costeletas de porco frias, pensando novamente na sua mãe. Ao menos o seu pai tomava conta dela. Depois da escola, Sune costumava ir ao quarto dela, sentar-se e ler-lhe. Ela já não tinha forças para segurar num livro. De vez em quando, adormecia e ressonava um pouco, ao de leve, com a boca meio aberta, mas ele continuava a ler. Quando ela acordava, sorria e dizia-lhe: «Acho que passei pelo sono.»

O seu pai não gostava de ler livros. «São um desperdício de tempo», dizia ele. Mas queria que o filho tivesse boas notas na escola, por isso, não reclamava quando Sune lhe lia.

Pois, a escola, pensou Sune, que se concentrou nas luzes tra-seiras do carro que por ele passara. Aquela era a última semana de exames. Como teriam os seus pais explicado à escola aquela ausência prolongada?

Tragou demasiado depressa a última costeleta de porco. Sentiu uma dor intensa no esófago, e não tinha nada com que empurrar

a comida. Normalmente bebia água do ribeiro, mas agora não podia deslocar-se até lá.

O carro aproximou-se de novo, por isso, manteve-se completamente imóvel. O veículo passou muito devagar, parando várias vezes enquanto o condutor perscrutava a floresta. Por fim, foi-se embora.

Sune perguntara-se umas mil vezes se não devia ir para casa, mas apercebeu-se de que essa não era ainda uma opção. Tinha desafiado os homens e, por conseguinte, a irmandade, ao não aceitar o anel dos juramentos e fazer um voto de silêncio juntamente com os outros.

6

Camilla fechou a pesada porta da frente, descalçou os ténis e entrou no escritório do marido com as suas roupas molhadas.

— Quando esventras um veado ou gamo ou como raio se chama, podias ao menos limpar a porcaria em volta. Quase se pode andar de barco no sangue espalhado pela floresta.

Frederik olhou para cima.

— Céus! Mas que te aconteceu?

— Caí numa grande poça de sangue.

Camilla não era entendida em caça e em gestão florestal, mas sabia que Frederik caçara vários veados. Contudo, não sabia o que acontecia depois de o animal ser morto, à exceção de que tinham de lhe ser retiradas as vísceras no local, para não estragar a carne.

— Tanto quanto sei, não se esventraram animais na floresta — disse ele. — Não caçamos há mais de uma semana. Onde cáiste?

— Não sei dizer ao certo. Mas é onde existe uma árvore grande, parcialmente oca, perto de uma clareira onde fazem fogueiras. Parece que estive lá alguém.

Frederik levantou-se. Não trabalhava em casa com frequência. Passava a maior parte do dia nos escritórios da Termo-Lux, uma empresa que produzia janelas. Mas o conselho administrativo acabara de ceder ao seu ultimato: se o queriam como diretor-administrativo do negócio familiar, necessitava de pelo menos

um dia livre por semana para trabalhar nos seus guiões cinematográficos — e também para estar com a esposa, acrescentou ele, quando contou a Camilla que tinham aceitado as suas condições.

Ela conhecera Frederik Sachs-Smith na Califórnia, onde, ao longo dos anos, ele ganhara nome como guionista. Já participara em grandes produções de Hollywood, e, à época, ela considerava-o uma mistura de boémio da classe média-alta com um homem de negócios bem descontraído. Escrever guiões era uma das suas paixões. Enquanto fazia uma pesquisa para o entrevistar, Camilla descobrira que ele era, na verdade, um investidor mais do que competente, pois transformara a herança dos seus avós numa fortuna considerável. Não precisava de trabalhar.

Quando se apaixonaram, tinham combinado que ela e o seu filho, Markus, se mudariam para Santa Barbara. Porém, após a morte do irmão de Frederik e o anúncio de que a sua irmã escolhera afastar-se do cargo de diretora-administrativa da empresa, os seus planos mudaram. Ele regressou à Dinamarca.

Ao princípio, Camilla não o compreendera: Frederik nunca negara o facto de ter partido da Dinamarca para evitar tornar-se parte da dinastia familiar. Dissera-lhe inclusive várias vezes que muitos outros estariam bem mais qualificados para gerir a empresa. Deste modo, chegou, aos poucos, à conclusão de que ele aceitara o trabalho para bem do seu pai, e não pela empresa da família. Walther Sachs-Smith fora obrigado a sair do conselho administrativo da própria empresa no ano anterior, quando se preparava para entregar o testemunho ao seu sucessor. A ganância e o desejo de poder levaram a que os dois irmãos mais novos de Frederik traíssem o pai, que descobriu, demasiado tarde, o que estava a acontecer.

E é por isso que, agora, Frederik veste um fato e uma gravata quatro dias por semana: para gerir a firma que o seu avô criara muitos anos antes.

— Quer-me parecer que foste ao carvalho sacrificial — disse ele. — O que significa que provavelmente pisaste sangue de porco. Eles compram-no no talho.

— Eles? Quem diabo são *eles*?! — berrou Camilla, que começou a despir as calças de treino.

— As pessoas que fazem sacrifícios aos deuses. Acreditam em Odin e Tor e, ocasionalmente, reúnem-se na floresta e fazem sacrifícios.

— São pessoas do Museu do Navio Viking?

— Não — ele riu-se, e abanou a cabeça. — Estas pessoas são crentes. Seguidores da Ásatrú.

— Hum, acho que vi um desses tais crentes.

Atirou a blusa para cima do monte de roupas molhadas e pegou numa manta que estava no sofá Chesterfield. O escritório parecia não se ter alterado desde que o pai de Frederik se mudara e lhes deixara a casa. Modificaram, aquando da ocupação, o nome da propriedade para Ingersminde, em honra da falecida esposa de Walther.

— Ah, e uma velhota apareceu de repente, vinda do nada, e olhou-me nos olhos. Quase tive um ataque de coração: não a ouvi a aproximar-se por trás de mim. Parece-me que pode ser uma dessas pessoas. Tinha uma trança comprida que lhe caía sobre o ombro.

Desta feita, Frederik sorriu ainda mais abertamente.

— É a Elinor. Vive na casa do caseiro, onde passou a maior parte da vida. É completamente inofensiva, e não, não é crente em Ásatrú ou coisa do género.

— Porque deixas que andem por aí a espalhar sangue, se a floresta é nossa? — perguntou Camilla, aninhando-se no sofá para se aquecer.

— O antigo paganismo nórdico tem raízes profundas nesta região, apesar de ninguém na nossa família acreditar nessas histórias — disse Frederik. — É uma religião que atrai pessoas que se interessam pelas sagas e pelos deuses nórdicos. Muita da história do nosso país tem origem nesta região.

Ele fitou-a, enquanto Camilla se tentava lembrar do que aprendera nas aulas de história.

— Foi aqui que, em criança, o futuro rei Skjold se afastou da costa num navio sem nome enviado pelos deuses — continuou

Frederik. — Cresceu e tornou-se rei em Lejre, e tinha o exército mais forte e corajoso. Sabia-lo?

Ela anuiu. Todos os ex-alunos da escola secundária de Roskilde conheciam essa história. Tinham ouvido falar muito acerca do rei Skjold e dos seus descendentes, incluindo a história da sua partida. Quando morreu em idade avançada, o seu corpo foi colocado a bordo do navio que o tinha transportado ainda bebé, acompanhado pelo seu escudo e por uma imensidade de ouro, joias e armas valiosas. O navio foi lançado ao mar, e apenas os deuses sabem onde foi parar.

— Também encontrei um rapaz — disse ela. — Acho que tem a idade do Markus. Comeu qualquer coisa que apanhou do chão junto à árvore. Mas podia ser um deles, claro.

Frederik franziu o sobrolho.

— Penso que as crianças não podem ir lá sozinhas. Normalmente, encontram-se todos perto do portão, onde estacionam os carros, e depois caminham juntos. Mas já vi várias vezes a comida deles espalhada pelo chão. Partilham-na com os deuses ou algo assim; não há problema. Os animais da floresta também a aproveitam, desde que não haja plástico ou outro tipo de lixo.

Camilla sorriu-lhe e agarrou nas roupas.

— Bem, não tínhamos adoradores pagãos em Frederiksberg. — Beijou-o antes de acrescentar: — Pelo menos nos locais que eu frequentava.

Bateram à porta e *Charlie* levantou-se imediatamente; rosnou. Louise sobressaltou-se, pois esquecera-se de que o grande pastor-alemão estava deitado no cobertor cinzento dobrado junto à cadeira de Eik. Ela gesticulou numa tentativa de avisar Rønholt para que não entrasse.

— Posso roubar-te uns minutinhos? — perguntou ele, e recuou atrás da porta.

O cão ainda rosnava, apesar de Eik o ter agarrado pela coleira e o obrigar a voltar ao cobertor.

— Acalma-te. Deita. Não faz mal que eles estejam aqui — disse ele. Louise revirou os olhos e saiu para o corredor.

Rønholt pôs-lhe o braço sobre os ombros.

— É bom ter-te de volta — disse ele. — Sentimos a tua falta. Então, como estás?

— Terás de lhe explicar que não pode trazer o cão para aqui. É completamente louco — disse ela, evitando, com eficácia, a pergunta, à medida que se encaminhavam para o gabinete de Rønholt. — Tentei dizer-lho, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. O Eik é assim.

— Hum... Isso não será assim tão fácil — murmurou Rønholt, fitando o linóleo cinzento do chão.

— Que queres dizer? — interpelou-o Louise. — Não lhe podes dar autorização para trazer o cão! Estamos num local de trabalho.

Rønholt não olhou para ela.

— Creio que ele está a dar mostras da sua boa índole.

— O cão? — Louise estava incrédula. — Não pudeste sequer entrar no nosso gabinete! Se o cão ficar, o Eik terá de se mudar para o seu antigo gabinete.

— Não me refiro ao cão. Estou a falar do Eik, que se ofereceu para tomar conta dele, enquanto o amigo está a tentar ultrapassar uma situação deveras lamentável.

Ragner Rønholt fechou a porta do seu gabinete e fez-lhe sinal para que ela aproximasse a cadeira até à mesa. Louise percebeu que a conversa sobre o cão estava arrumada.

— Depois de refletir melhor... — disse ele, num tom que se assemelhava ao de uma desculpa. — Reencaminhei-te um caso de Hvalsø.

— Já falei com o Kim — interrompeu-o ela.

— É-te demasiado próximo — continuou ele, ignorando o comentário. — Pensei que seria bom para ti ter um novo caso. Tu sabes... Voltar à rotina e esse tipo de coisas...

Torcia tanto as mãos, que Louise pensou que lhe deviam doer os dedos.

— Mas não em Hvalsø. Claro que não deves lá voltar. Sobre-tudo quando o pai do rapaz desaparecido é um dos... — Parecia procurar as palavras certas. — É-te demasiado próximo — repetiu, finalmente. — Pedi ao Olle que trate do caso.

Louise olhou para os seus punhos cerrados.

— Nem pensar! — disse ela. — Não tenho problemas em trabalhar em Hvalsø.

E afirmava-o com convicção. Não via Lars Frandsen há 20 anos e tinha dificuldades em imaginá-lo no presente. Na altura, era magro e tinha cabelo espesso e claro, faces arredondadas, e um nariz largo que abanava quando se ria. Um rapaz feliz com um certo estatuto, porquanto era o filho do talhante e vivia numa casa grande na Præstegårdsvej, com uma piscina interior e acesso ao bar dos pais na cave, onde havia uma máquina de *flippers* e uma mesa de bilhar.

Louise sabia tudo isto porque, à época, ele era o rapaz com quem Klaus mais convivia. Tinham terminado o estágio ao mesmo tempo, Lars com o seu pai, em Hvalsø, e Klaus com o talhante de Tølløse. Quando frequentavam a escola profissional de talhantes em Roskilde, apanhavam juntos o comboio da manhã, e fora esse o motivo que levara Klaus a entrar no grupo do Grande Thomsen.

— Lembrei-me de que não seria uma boa ideia encontrares-te com um deles depois do que aconteceu — acrescentou Rønholt num tom quase paternal. — É melhor que peça a um dos outros para dar uma olhadela por lá.

Louise meneou a cabeça.

— Se alguém tem de ir a Hvalsø, esse alguém sou eu. Não me incomoda minimamente encontrar-me com o talhante ou com quem quer que seja.

Ela fitou-o com uma expressão de teimosia.

— Se fosse assim, não conseguiria andar por Copenhaga, com medo de me cruzar com alguém da máfia do Leste europeu, sem falar nos membros de gangues que meti na cadeia. Se tivesse medo ou dificuldades em confrontar pessoas, iria para o setor de segurança privada, em vez de continuar neste emprego mal pago.

Fez uma pausa e, depois, inclinou-se para a frente.

— Vou encontrar o rapaz — disse ela. — Avisa só o Olle de que o caso é meu.

ELA CRUZOU-SE COM Olle no corredor, quando ele, vindo do gabinete dela, levava na mão alguns ficheiros que Kim lhes enviara por e-mail.

— Bem-vinda de volta! — disse ele e abriu os braços.

Preparava-se para tagarelar, por isso, ela interrompeu-o, de forma a contar-lhe que Rønholt tinha mudado de ideias: ela continuaria responsável pelo caso.

— Mas é possível que precisemos da tua ajuda — acrescentou Louise, sorrindo ao colega alto e quase careca antes de o deixar para trás.

Louise estava prestes a abrir a porta do gabinete quando se lembrou do cão.

— Posso entrar? — gritou ela. Sentia-se uma idiota ali parada, à espera de um sinal para entrar no seu próprio escritório.

— Entra — disse, pouco depois, Eik.

Louise apressou-se a entrar e sentou-se à sua secretária, enquanto Eik segurava na coleira do pastor-alemão com uma mão e, com a outra, punha três biscoitos de cão na secretária dela.

— Tenta dar-lhe um — sugeriu ele.

— Vá lá, Eik! Tu é que tens de lidar com o cão. Ele não devia estar aqui. Não está certo que eu não consiga trabalhar sem ter de me affigir com a hipótese de um pastor-alemão me morder o rabo.

— O *Charlie* não é agressivo. Só precisa de te conhecer. Dá-lhe uma oportunidade — disse Eik, que, em seguida, lhe contou que o fotógrafo que instalara a câmara na floresta de Boserup lhes telefonara, enquanto ela falava com Rønholt. — Ele vai telefonar de novo.

Louise pegou, relutantemente, num dos biscoitos de cão quadrados e segurou-o entre os dedos. Ouviu-se um rosnido vindo bem do fundo da garganta do cão.

Recolheu a mão rapidamente.

— Vá lá, dá-lho! — disse Eik. — Ou ele começa a pensar que o estás a provocar!

— Oh, cala-te! — disse ela, e ele sorriu de orelha a orelha.

Perturbou-a que ele ficasse tão bonito ao sorrir e, portanto, ignorou o rosnar de *Charlie* e ofereceu-lhe o biscoito, que desapareceu num segundo. O cão começou a lambe-lhe a mão.

— Bem te disse! — disse um Eik triunfal, gesticulando para que ela desse outro biscoito a *Charlie*.

O cão descansou a sua grande cabeça no seu colo depois de Louise lhe dar a guloseima.

— Olha, aqui!

Ela empurrou-o gentilmente e pôs o biscoito no chão para o afastar das suas pernas, mas, assim que o comeu, *Charlie* voltou para o seu colo.

— Adora-te — disse Eik.

Ele cruzou os braços e viu, com satisfação, como ela dava a *Charlie* o resto das guloseimas.

Louise abanou a cabeça, e o telefone tocou. Limpou rapidamente a mão babada pelo cão às calças.

— Ótimo — respondeu ela quando o fotógrafo sugeriu que se encontrassem na floresta para lhes mostrar a câmara que captara o rapaz. — Podemos estar aí numa hora.

Eik atraiu-lhe a atenção.

— O rapaz aparece em mais fotografias que não tenhamos visto?

Louise repetiu a pergunta ao fotógrafo e agradeceu-lhe quando este se ofereceu para dar uma vista de olhos às fotografias antes de se encontrarem.

O TRILHO DA MORTE

Sune Frandsen desapareceu na floresta de Hvalsø no dia em que completava 15 anos. Uma semana depois do sucedido, Louise Rick, chefe do Departamento de Pessoas Desaparecidas, regressa ao trabalho após uma baixa médica. Ao investigar, descobre que se trata do filho do talhante Frandsen, amigo de Klaus, o seu primeiro grande amor, cujo suicídio nunca fora convenientemente explicado.

Na sua juventude, Klaus e Frandsen pertenciam a um grupo que praticava rituais inspirados em antigas crenças nórdicas. Quando o cadáver de uma prostituta é encontrado em Hvalsø, perto do carvalho sacrificial onde os membros deste grupo ainda hoje se reúnem, tudo leva a crer que Sune testemunhou algo que não devia, e que pode correr perigo de vida.

Louise vai-se apercebendo de que os sacrifícios aos deuses aqui praticados vão muito além dos antigos ritos. E que esta investigação também lhe pode revelar a verdade acerca da enigmática morte de Klaus.

Sara Blædel consegue, com mestria, cativar os leitores com a saga de Louise Rick, que luta contra os seus próprios fantasmas, numa história contada de forma intensa, ao melhor estilo do thriller nórdico.

Da mesma autora:

«SARA BLÆDEL BRINDA-NOS COM
UMA DAS MELHORES LEITURAS COM
QUE JÁ ME DEPAREI!»

Michael Connely



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-08-1



9 789898 843081

Thriller